

O diálogo da Poesia com a Filosofia: a noção de Aberto em René Char e Martin Heidegger

Profa. Dra. Florence Dravet¹ (UCB)
Prof. Dr. Gustavo de Castro² (UnB)

Resumo:

Se o poeta René Char afirma que nenhuma obra poética prescinde de uma visão filosófica do mundo, que aquela nasce com esta e dela não pode ser dissociada, Heidegger declara que a filosofia não é nada sem a abertura ontológica da poesia. No encontro entre esses dois pensadores, o pensamento racional e sensível se impregnava do conhecimento metafórico; o logos filosófico reencontrava o poético. A metáfora do “Aberto” esteve na origem de uma concepção de linguagem e pensamento capaz de reunir, na segunda metade do século XX, o filósofo, ex-reitor de Universidade no período nazista, e o poeta, ex-comandante das forças da Resistência francesa na região da Provence. É a força dessa noção poética e seus desdobramentos filosóficos que apresentaremos aqui.

Palavras-chave: filosofia, poesia, Char, Heidegger, aberto

Introdução

Ao interrogarmos a poesia de René Char, dois elementos se nos apresentam como forças fundamentais para a compreensão de sua obra, forças que são também fundamentalmente esclarecedoras para nossa reflexão sobre o diálogo entre filosofia e poesia. São elas o Aberto e a Transparência. A primeira noção é antiga, uma herança que provém de longe e, embora presente em toda a obra de Char (muitas vezes sob o termo Espaço), não caracteriza propriamente a originalidade de sua linguagem. Consiste em uma base conceitual, filosófica e cosmológica para assentar suas buscas, um contexto para a criação e para a vida. Com efeito, na sua concepção de mundo, o fogo heraclítico não é o organizador, e o cosmo não é primeiro; o que vem antes é um campo de possibilidades mais largo, não necessário nem governado, que ele mesmo nomeia Espaço. Já, a segunda noção nos parece caracterizar genuinamente sua poética e provavelmente seja o passo adiante que o poeta deu com relação a seus predecessores. Com a Transparência, Char opera, em termos de linguagem, o que podemos chamar, junto com Heidegger, de “uma clareira no Aberto” (HEIDEGGER, 1959a). E é ela que procuramos esclarecer na leitura de alguns de seus poemas apresentada no livro **Comunicação e poesia: itinerários do Aberto e da Transparência** (prelo, 2008).

Em busca da trajetória sensível e intelectual do poeta e de sua linguagem, voltamos aqui nossas atenções, portanto, à noção de Aberto, que representa a base conceitual e filosófica de toda a obra poética de Char. O que nos interessa mostrar é que essa fundamentação filosófica da poesia vai ao encontro da filosofia de Heidegger na segunda fase de sua produção, e que o filósofo alemão, por sua vez, a extraiu de sua descoberta da poesia (notadamente Hölderlin e Rilke) como fundamentação e abertura ontológica. Trata-se de uma via dupla, intrinsecamente dialógica, de comunicação entre saberes. Veremos como a filosofia da abertura aparece na vida do poeta e nela encontra o húmus da vivência necessário à frutificação poética; daí a necessidade de nos debruçarmos sobre alguns aspectos biográficos do autor. Veremos o lugar que a noção de Aberto ocupa na sua percepção de mundo e como ela ecoaria, anos mais tarde, nos diálogos que o poeta travou com Heidegger, sem que houvesse nenhuma relação de subordinação entre um e outro.

1 Char, o poeta resistente

Apesar de seus muitos comentadores e biógrafos, René Char (1907-1988) ainda é um poeta desconhecido. Apesar da glória que lhe valeu sua participação heróica à Resistência francesa durante a segunda guerra mundial, sob o pseudônimo de Capitão Alexandre, a precisão de sua escrita está longe de ter sido compreendida. Entre os poetas e artistas que puderam se aproximar de René Char, alguns mantiveram com ele elos de profunda amizade: Paul Éluard, Nicolas de Staël, Albert Camus; ou elos menos duradouros, mas não menos profundos: Jacques Dupin, André Frénaud, Paul Celan; ainda, relações mais episódicas e intelectuais: Picasso, Miró e Maurice Blanchot, Georges Bataille, Saint-John Perse e Martin Heidegger, sobre quem trataremos mais detalhadamente aqui. Contudo, algumas de suas amizades mais fundamentais, que determinaram sua personalidade e sua obra, foram travadas durante a infância e juventude, com personagens de sua terra natal, homens das margens – o podador de árvores, o pescador de trutas das águas claras do rio Sorgue, o vendedor de armas, e, gravada em sua memória ancestral, a imagem de seu antepassado, o velho eremita encarregado de manter os lobos longe das cidades da planície. “Esse não era inimigo dos lobos”, assegurava Char; é que ele mesmo tinha o lobo como totem, vendo-o sempre à frente, nunca atrás.

É difícil situar René Char em alguma tendência poética. Ele teve, obviamente, profundas relações de amizade com os surrealistas, particularmente com Paul Éluard, com o qual manteve uma amizade contínua até sua morte, mas também com Tzara, Crevel, Dalí, Breton, Ernst, Tanguy, Aragon, Reverdy... No início de sua carreira ele até pensou que seria um deles. Revolucionário, temerário, em busca de aliados, foi recebido com entusiasmo pelos parisienses, acreditou neles, escreveu versos e manifestos, invadiu cafés e salões burgueses. Mas as rivalidades e querelas internas – que logo se tornariam rupturas – rapidamente o desencantaram e ele se afastou do grupo. Para sempre, manteve-se à margem de qualquer movimento poético. Solitário, independente, ele viajava com frequência a Paris, onde chegou a manter um apartamento e residir por longos períodos; esteve na Espanha, andou pela França, mas sempre retornou à Provence, sua terra, estabelecendo sua principal residência em L'Isle-sur-la-Sorgue, cidade natal. Foi lá que o raio poético se abateu sobre ele pela primeira vez:

Eu tinha onze ou doze anos quando aquilo que eu chamava de grandíssimo raio caiu sobre mim pela primeira vez. Nada mais contou. O dia não clareia, somente existem a noite e a claridade, mas a claridade vem da noite, é o grandíssimo raio. Ele só cintila de vez em quando, um certo número de vezes em uma vida, mas a cada raio distingue-se um pouco mais coisas que no raio precedente. Morreremos sem termos visto tudo, é claro, mas em todo caso, teremos visto um pouco mais do que aqueles que só enxergam à luz do dia. Embora o raio faça ainda mais obscura a obscuridade que lhe segue. (CHAR apud GREILSAMER, 2004, p. 26)¹

Para René Char, o poeta é aquele que sabe um pouco mais porque sente as coisas, aprende a percebê-las no lugar mais profundo e a deixar-se marcar por elas. Para escrever, é necessária uma disponibilidade ao mundo, uma escuta que faz com que o poeta se torne o receptáculo de sua própria palavra. René Char, alma revoltada, sente um profundo desgosto pelos trapaceiros, aqueles que inventam para fazer bonito, que fazem sentimentalismo e revestem seus versos com um falso brilho. Para ele, a poesia, depois do estado eufórico da criação, é trabalho de precisão.

Esta é a razão pela qual ele recusará sempre qualquer trabalho alheio à escritura. Dedicar-lhe sua vida, seu tempo, seus passeios, seus encontros, suas amizades e seus amores. Através de sua arte, ele realiza suas duas grandes paixões: o amor pelas mulheres e a política. É a serviço da poesia que ele conduz sua vida, que ele descobre e estuda de perto a natureza, memorizando os nomes das

¹ Todas as traduções do francês são nossas.

flores e das plantas em latim, observando as pedras ao longo do caminho, as árvores, os córregos; que ele faz amizade com a gente do povo, pessoas de ritos simples e diretos, que partilham com ele seus conhecimentos da natureza, da vida rural, da solidão. Com eles, ele aprende a pescar nos rios, percorrer colinas, nomear as estrelas, ler o céu, reconhecer os ventos; esta ligação íntima com a natureza marcará, obviamente, toda sua obra, mas também sua conduta, suas escolhas, determinando a independência característica de sua poesia e de seu caráter.

Filho do prefeito da cidade de L'Isle-sur-la-Sorgue, dono de minas de gesso, Char desde cedo anunciou à família que seria poeta. Não foi grande a surpresa, apesar do incômodo causado à mãe e ao irmão mais velho; ele nascera envolto em uma película translúcida: um signo do céu, segundo a sabedoria popular provençal, designação de um destino fora do comum. As rezas e exortações de sua piedosa mãe não fariam efeito, ele não seria o administrador dos bens familiares. Algo muito maior o esperava. E a responsabilidade do gesso ficaria com seu irmão, Albert, o primogênito desdenhoso que um dia René assustou com um revólver, livrando-se assim de uma tirania de longa data.

René Char tem onze anos quando perde seu pai, o ídolo de sua infância, o único na família que não reprimiu seus ímpetus criativos, nem suas oscilações entre melancolia e entusiasmo. Desde então, guardada como um mistério sagrado, uma relação difícil com a morte se instala dentro do coração do poeta: medo gerando visões. Mas o homem é forte e temerário em suas ações, não amolece diante de desafios, vence-os. Sempre olhará com tristeza e um certo desprezo os fracos, os que preferem o exílio à resistência armada durante a guerra, os que fogem diante de uma acusação, os que optam pela força do número em detrimento de suas idéias. Char é um resistente em todos os sentidos.

2 Fundamentos filosóficos da poesia de Char

Nos tempos de sua iniciação intelectual, na biblioteca de sua madrinha Louise Roze (descendente direta e herdeira do administrador de bens do marquês de Sade, Me. Roze), Char leu apaixonadamente Vigny, Hugo – cuja força monstruosa exercerá um poder longo e dificilmente suportável sobre ele – Nerval, Beaudelaire e, sobretudo, os alquimistas Alberto o Grande, Paracelso, Llull e Flamel. Aos poucos, ele se aproxima dos saberes cosmológicos e filosóficos dos Antigos. Com vinte e um anos, ele descobre Empédocles. Com vinte e três, recebe o choque decisivo da leitura de Heráclito. Este é para ele o Retorno e o pessimismo, a poesia e a beleza que permanecem sempre além da lição e, sobretudo, que podem estar unidas em uma existência humana. Heráclito pôs fim a um despedaçamento que atormentava Char: o de saber a condição humana reduzida ao desastre e separada da beleza. Quando inicia seus contatos com Louis Aragon, Char publica na revista *La Révolution Surréaliste* dois artigos sobre Heráclito o Obscuro que o convenceu de uma coisa: a poesia não é nada se não propõe uma visão de mundo, nasce com a filosofia e dela não pode ser dissociada. Mais tarde, ele escreveria um fragmento de *Partage formel* (*Fureur et mystère* de 1962) para o filósofo de Éfeso:

Heráclito acentua a exultante aliança dos contrários. Neles, vê em primeiro lugar a condição perfeita e o motor indispensável para produzir a harmonia. Em poesia, aconteceu que no momento da fusão desses contrários surgia um impacto sem origem definida cuja ação solvente e solitária provocava o arrastamento dos abismos que carregam de maneira tão anti-física o poema. Compete ao poeta interromper esse perigo fazendo intervir, seja um elemento tradicional cuja razão foi experimentada, seja o fogo de uma demiurgia tão milagrosa que anula o trajeto da causa ao efeito. O poeta pode, pois, ver os contrários – essas miragens pontuais e tumultuadas – acontecerem, sua linhagem imanente se **personificar**, poesia e verdade, como sabemos, sendo sinônimos. (CHAR, 1995. p. 159)

Com a leitura dos alquimistas e dos pré-socráticos, Char se convence intimamente de uma química do universo eternamente recomeçada. E ele dá as costas à noção de progresso. Volta-se novamente aos conhecimentos autênticos de seus amigos do Sorgue, marginais febris e inspirados. Nesse universo sentido e pensado, o poeta, ora melancólico, ora entusiasta, lê, escuta, escreve. Esse homem do campo alto, forte, de rosto quadrado e voz potente reúne à sua volta pessoas de fibra, homens e mulheres que o ouvem e o amam. Ele, que só sabe viver em contato com os seus, amigos reconhecidos e elevados à condição de irmãos ou filhos adotivos desde que reconheçam uma só mestra: a poesia, essa soberana implacável que exige tudo. Sem mesmo escrever, Char é poeta, carregado de poesia e habitado por ela; essa força intensa, telúrica, suave, terrível. Qualquer um que cruze seu caminho e saiba ouvir percebe, como escreve Paul Celan a um amigo em 1954: “ele é exatamente como você me descreveu, tão perfeitamente no coração de sua própria palavra que parece nunca se recusar a si mesmo”.

René Char vive e conduz sua vida como vive e conduz sua poesia. Percebemo-lo em seus versos – e *a posteriori*, nos diversos relatos sobre sua vida – como movido por uma força natural ora emergida da terra, ora caída do céu; talvez a imagem do raio penetrando as profundezas, abrindo clareiras na obscuridade seja a que melhor caracteriza sua palavra. A visão clara em meio à complexidade das coisas, a imagem luminosa em meio a palavras herméticas.

Foram vários os críticos que, tentando compreendê-lo, acabaram chamando-o de hermético. Nada o irritava mais do que essa falsa acusação. Para os poetas, explicar seus versos é tornar-se prosaico, para ele, é profanar algo sagrado. O poema não precisa ser explicado, o poema é o que ele é, possui uma luz, um ritmo, uma força, um sentido também. Ama-se um poema. Aliás, se alguns homens do campo, os autênticos amigos que ele chama de Transparentes, são capazes de amar sua poesia, por que é que esses intelectuais supostamente qualificados para julgá-la não são capazes de compreendê-la? Há uma certa amargura na maneira como Char lida com essa falta de compreensão e na forma como ele, durante muitos anos, se recusa a atender ao pedido da crítica, sofrendo uma profunda angústia.

Contudo, em 1983, quando a Gallimard publica suas obras completas na prestigiosa coleção La Pléiade, este – talvez movido pela percepção da proximidade da morte e pela angústia de não ter mais tempo para se explicar – aceita a proposta de seu amigo e admirador, o historiador Paul Veyne, de publicar um livro consistindo numa paráfrase explicativa de sua obra. Ambos trabalham longamente no livro que acabou sendo publicado depois da morte do poeta, em 1990. Obviamente, o livro não consiste apenas numa paráfrase, mas num relato muito mais vivo e rico dos diálogos travados entre Veyne e Char através dos quais transparece toda a relação dele com sua própria poesia. É Paul Veyne que, nas primeiras páginas do livro, escreve:

Em poucas palavras, essa obra é o diário poético das meditações de um místico ateu. O célebre canto do Sorgue, dedicado a Yvonne Zervos, canta um rio que se parece muito pouco com o rio que conhecemos sob o mesmo nome. Todavia, o que Char entendia por Beleza era bem mais do que um esteta entenderia; sua Beleza era sobretudo Amor, liberdade, verdade, moralidade e seu verdadeiro nome talvez fosse bondade e felicidade. (VEYNE, 1990. p. 35)

3 Char: “um místico ateu”

De fato, sua poesia é despretensiosamente impregnada do conhecimento e da experiência extática, apresentados com uma naturalidade e simplicidade surpreendentes. “A noite era antiga, quando o fogo a entreabriu”. O êxtase em René Char nos mostra a noite e sua claridade, como um sexto sentido que faz perceber a conexão e amar o vazio do além. E era à luz dessa experiência que ele falava, incessantemente em seus versos; à luz da vidência, possibilitada furtivamente pelo “grandíssimo raio”. Talvez esteja aí a razão da impressão de Transparência que encontramos na sua

linguagem, uma linguagem cuja luminosidade é capaz de atravessar a opacidade das coisas: lucidez para uns, hermetismo para outros.

A respeito dessa experiência mística – impopular objeto de ressentimento do qual o poeta não gostava de falar – Paul Veyne relata:

Poucos dias antes de Maio de 1968, Char adoeceu gravemente, vítima de um acidente arterial no ouvido. Porém, no momento em que esse acidente ocorreu, ele se encontrava em um estado de clarão duradouro. Lá fora, era uma noite de temporal rasgada por raios. René ficava sempre fascinado pelo espetáculo dos raios e era um dever de amizade telefonar para ele quando o temporal estourava no morro *Ventoux*, avisando que logo os raios cairiam sobre *les Busclats*². Em suma, temporal magnético, êxtase de raio, acidente arterial; “os raios que eu tinha tantas vezes olhado com vontade no céu estouraram em minha cabeça, oferecendo-me em um fundo de trevas que me eram próprias o rosto aéreo do raio tomado de empréstimo ao temporal mais material que fora”.

Então, a noite, essa “limusine negra” cujas “enfatuosas ranhuras” são, disse-me Char, as corredeiras de um carro mortuário, revelou-se sinônimo da morte e tão desejável quanto esta; mais ainda, Char pensou que ele poderia, como bem quisesse, penetrá-la deliberadamente: “eu pensei que a morte vinha, mas uma morte onde, satisfeito com uma compreensão sem exemplo, eu teria mais um passo a dar antes de adormecer, de ser entregue, esparso no universo para sempre. O cachorro do coração não havia gemido”, o bicho de nossas entranhas que é o mais apegado a nossa individualidade aceitava uma morte que, de finitude, tornava-se transcendência. No êxtase, o desejo de elevar-se a mais um grau tornava-se amor por uma morte que era transfiguração. A vertigem de ir além se confundia com a de aniquilar-se.

Morrer em estado de noite foi o desejo de mais de um místico e dizem que Joana D’arc teve esse favor. Não foi a única lição daquela noite magnética: “O raio e o sangue, eu soube, são um”, o cosmo tem por energia a verdade mais verdadeira. (VEYNE, 1990. p. 243)

A consciência mística de Char, desvinculada de qualquer crença em seres divinos, banha toda sua obra, que, no entanto, encontra-se sempre plantada na materialidade. Mais elevado que os outros, o reino da poesia provém da mesma energia que todos eles: a flora, a fauna e a humanidade. Sua realidade reside na pluralidade de indivíduos, obras, poemas que a povoam e sua força tende a elevar-se em direção ao vazio. Nisso, reside sua liberdade e nobreza. “A energia sobe em luz, explica Char, mas essa luz que sobe da terra, você só pode vê-la se puser uma palavra por cima, caso contrário, não verá nada. A palavra a encobre, claro, mas a luz jorra por baixo, à sua volta e pelos lados”. Não é, portanto, a palavra que é transparente; esta apenas designa o lugar das coisas; mas, deixando a coisa invisível, ela torna ainda mais visível a percepção de sua luz, que “jorra por baixo, à sua volta e pelos lados”.

Não há nenhum lugar para Deus no cosmo de Char, já que o Espaço não é governado, nem necessário e sim um universo de possibilidades eternamente renovadas (exatamente como a noção de Aberto explicada por Heidegger através do poema de Rilke, Elegia Pão e Vinho); contudo não seria errado dizer que o cosmo pode ser concebido como o próprio estado divino. No mundo, cada um dos estratos tendendo a elevar-se e o homem não tendo outro destino senão o de dirigir-se ao “esférico das respirações” (*Poèmes militants* de 1932):

Sumário

O homem cheio de lesões pelas infiltrações considerou seu desespero e o julgou inferior

² Última residência de René Char, em L’Isle-sur-la-Sorgue.

À sua volta os reinos não paravam de enobrecer-se
Como a delicada construção pingada do solstício da Ursa Maior salta ao coração
sem alcance
Ele pressentiu os maciços do desenlace
E estratégico
Engajou-se no atalho fascinador
Que não o conduziu a lugar nenhum
Ao fim da lama insociável
O esférico das respirações penetrou na paz
(CHAR, 1995. p. 42)

Antigamente, os poetas repetiam que eram inspirados e imortais; agora que os deuses se foram, os poetas celebram, ao escrever, um divino sem nome presente na própria escritura. René Char é um deles e, como todos os grandes poetas depois de Beaudelaire, escreve mais sobre a poesia do que sobre qualquer outra coisa. Quando fala do amor – e sabemos que ele amou apaixonadamente muitas mulheres –, é do amor à palavra que se trata. Quando usa a primeira pessoa, nunca está se referindo a si mesmo, mas ao poeta ou ao poema. É que só se conhece as coisas através da linguagem e nunca em sua verdade absoluta. E a poesia é para o poeta, a única a poder dizer aquilo que não é, mas que permanece possível. O que a imaginação cria é real. A poesia é a forma mais elevada de dirigir-se ao vazio do mundo.

Essa mística sem religião, embora perpassada pela força luminosa do êxtase, é também e sobretudo angústia e dor; o sentimento do horror do inalcançável, do convívio em um mundo de feiúra e cegueira, onde só a esperança e a imaginação são capazes de trazer felicidade através da escrita. E a vida do poeta é travar essa luta permanente entre sofrimento e alegria. Revoltado contra o real e as carícias moles de sua falsa luz, ele escreve tendo no corpo, diz Char, “as queimaduras de cem poemas que não serão escritos, mas que não deixam de existir”. Para ele, o desconhecido do Aberto para o qual tende a elevar-se o homem não é uma coisa, mas o ato de ultrapassar todas as coisas.

Veyne explica assim o caráter sagrado da escritura dos místicos contemporâneos:

A prática da escritura parece pôr em contato com forças ou processos que ultrapassam o homem; sente-se um calafrio sagrado que antigamente era atribuído a um deus ou a uma figura nobre, a Inspiração. Hoje, é atribuído à própria Escritura. Não em nome de algum culto moderno e individualista da Experiência romântica, nem porque o homem ter-se-ia substituído ao deus no papel de Criador, mas pela razão inversa: reduzido a si mesmo, o indivíduo é levado a falar de si, de suas dificuldades, seus estados de alma, e não tanto a celebrar a obra como maravilha saída das mãos dos deuses. (VEYNE, 1990. p. 335)

4 O encontro de Char com Heidegger

Foi o espírito grego e seus deuses que aproximaram o poeta de um dos maiores filósofos alemães do século XX: Martin Heidegger. Não bastasse a convergência em aspectos fundamentais relacionados ao pensamento sobre a comunicação e a poesia, os dois ainda compartilharam um vínculo de amizade e aprendizado estético e filosófico. Heidegger já era o famoso mestre alemão quando esteve na Normandia ministrando um seminário e foi convidado, em 1955, para ir à Provence. Char também já era um famoso poeta francês, símbolo da vivacidade poética e da resistência ao nazismo. Naquele ano, eles foram apresentados pelo filósofo Jean Beaufret que tinha uma forte admiração pelo mestre alemão e dedicaria parte de sua vida ao reconhecimento de Heidegger na França. O encontro logo virou amizade. Char convidou Heidegger para sua casa na região de Vaucluse. Heidegger participou de um pequeno seminário para os alunos orientandos de Beaufret, entre os quais estavam Fédier e Vezin, mais tarde tradutores de *Ser e Tempo*. A amizade entre o poeta e o

filósofo se intensifica a tal ponto que Heidegger retorna à Provence em 1966, 1968 e 1969, para ministrar novos seminários, que consistiam em um ritual fixo: sentavam-se diante da casa de Char, sob os plátanos e, com o acompanhamento das cigarras, comentavam Heráclito ou Hegel ou Marx. Essas reuniões rendiam atas, redigidas com os auspícios da unidade poesia-filosofia. Em uma delas lemos:

Aqui junto das oliveiras que se comprimem contra a encosta que desce diante de nós até a planície, onde à noite corre, ainda invisível, a torrente do Rhône, começamos com o fragmento 2 (Heráclito). Atrás de nós um maciço délfico de montanhas. É paisagem do Rebanque. Quem encontra o caminho para lá, é hóspede dos deuses. (HEIDEGGER, 1977. p. 3)

E em uma carta de Heidegger a sua amiga Elisabeth Blochmann (1966), ele relata:

De 27 de agosto a 9 de setembro, visitei na Provence o meu amigo o poeta René Char. Ao mesmo tempo mantive, durante oito dias, nossos seminários³ de três horas com amigos franceses (professores e estudantes avançados). Não posso deixar de comprovar cada vez mais que a disponibilidade para escutar e o respeito pela obra espiritual estão muito além das diferenças entre nós, colocados atrás da estela de uma filosofia ociosa e atrás da sociologia evitando as questões (perguntas) essenciais da grande tradição. Por outra parte, minha maneira (quase socrática) de levar o seminário tornou-se inédita e estimulante levando em conta a rigidez do sistema de ensino francês. Pode ser que ali se trate de algo novo. De forma cabal, o diálogo vivido é mais forte do que tudo o que provém do escrito, que se acha fixado a todo tipo de mal-interpretações. Mas isto já sabia Platão, como, de resto, ele testemunha ao final do Fedro.

Heidegger entende que os seminários na casa de Char retomam o espírito da maiêutica socrática. O diálogo a céu aberto, o método pouco acadêmico de lidar com o conhecimento e a proximidade com a poesia oferecem ao homem uma “marcha forçada pelo inefável”. Char salienta que Heidegger conseguiu, pela filosofia, recolocar a poesia em seu devido lugar, liberando-a novamente à visão do homem para sua essência. A cada viagem, Char presenteava o filósofo com uma braçada de plantas: lavanda, sálvia, tomilho e ervas da região, além de azeite de oliva e mel. Após as discussões matutinas, todo o grupo saía em caminhada pela região, na direção de Avignon, pelos vinhedos, sobretudo buscando a cadeia de montanhas da Sainte-Victoire. Heidegger amava o trajeto para a pedreira de Bibemus até o ponto onde, depois da curva, de repente, se avistava o maciço da Sainte Victoire. Sabemos que Heidegger e Char sentavam-se às vezes por longo tempo em uma pedra e ficavam a contemplar o que Cézanne havia pintado em suas telas. Heidegger fez questão de observar para seus interlocutores que Char possuía uma maneira de portar-se em sua casa e de falar com os outros que fazia renascer, na plena claridade da Provence, a velha Grécia.

A prática da caminhada no campo, que serviria de metáfora conceitual para Heidegger, em diversos momentos (*Caminhos de Campo*, 1959; *Serenidade*, 1963), era comum para René Char que em seus passeios cotidianos pela Provence, via em cada mureta de pedra, cada rachadura na terra, cada erva, não um signo (como quiseram fazer crer os semióticos, lingüistas e outros conhecedores da língua), mas uma verdade. Se para Heidegger, a poesia traz um conhecimento ontológico ao ser humano, para Char ela é fundante e criadora, traz a própria verdade. Entre os dois, está claro que houve um encontro, um encontro entre dois gênios, sensíveis ao afastamento do homem da natureza e à estranheza da civilização tecnicista, mas nenhuma dependência:

Eu não tenho nada a ver com a filosofia de Heidegger. Sou poeta, e não filósofo em versos; Parmênides e Platão não têm nada a ver aqui. Heidegger era um homem

³ Os protocolos conhecidos como *Seminários de Thor* reúnem os Seminários ditados por Heidegger na casa de René Char em 1966, 1968 e 1969. Entre os assistentes estavam Beaufret, Vazin, Fedier, Ginevra Bompiani, Roger Munier e Giorgio Agamben.

amável, que soube fazer com que ficássemos em bons termos, mesmo depois de termos esgotado os assuntos que tínhamos em comum. Ele me interessava sobretudo quando ajustava tão bem sua luneta para os Gregos. (CHAR apud VEYNE. 1990. p. 310)

O que aborrece Char é que, ao contrário do que muitos seguidores da filosofia de Heidegger afirmaram, ele não devia nada à sua filosofia – já com relação a Nietzsche, Char tem uma grande dívida, o *Nascimento da Tragédia* foi para ele uma obra fundamental. O que houve entre os dois homens foi uma convergência de idéias e sobretudo de sensibilidades. Char havia escrito em poesia, bem antes do seu encontro com o filósofo alemão, muitas das idéias desenvolvidas depois por Heidegger. Provavelmente por terem seguido trajetórias de leitura semelhantes. Foram primeiro os pré-socráticos que abriram os horizontes da poesia de Char, especialmente Heráclito. Durante os anos de guerra, Char leu Hölderlin. Em 1947, ele lê e faz referência às *Elegias de Duino* quando absorve nos seus versos o termo Aberto que, como já vimos, expressa uma noção já nomeada por ele na palavra Espaço; isso muito antes de Heidegger se debruçar sobre a obra de Rilke. É o que aparece nesta poesia sobre o rio Sorgue, *Les premiers instants* de 1947:

Olhávamos correr diante de nós a água crescente. Apagava de uma vez a montanha, expulsando-se de seus flancos maternos. Não era uma torrente que se oferecia a seu destino mas um animal inefável de que nos tornávamos a palavra e a substância. Ela nos mantinha apaixonados no arco todo-poderoso de sua imaginação. Que invenção poderia ter-nos contido? A modicidade cotidiana havia fugido, o sangue jogado estava rendido a seu calor. **Adotados pelo aberto**, lixados até o invisível, éramos uma vitória que nunca teria fim. (CHAR, 1995. p. 275)

O Aberto aqui é o mundo que somente um ser, animal ou anjo, que nada sabe da morte, pode ver. “Adotado pelo aberto”, o homem se liberta (lixado até o invisível) do que há nele de demasiado humano e individual; torna-se invisível como um poema. É a mesma noção que encontraremos em Heidegger dez anos depois.

A crítica da civilização tecnicista feita por Heidegger também ecoa com a poesia por vezes trágica de um René Char que, não tendo abraçado a causa comunista após a guerra apesar de sua insatisfação com os rumos da civilização, se perguntava o que fazer em uma sociedade que errava de caminho e na qual até os revoltados levantavam a bandeira do trabalho e do desenvolvimento tecnológico. Viver isolado, à sombra, seguir a tragédia da vida e o amor à beleza. Essas são atitudes que levam tanto René Char como Martin Heidegger à contemplação da natureza e ao amor por uma civilização grega, onde os deuses ainda viviam.

Em conversas com o historiador e amigo Paul Veyne, René Char fala com muita ênfase de sua relação com o filósofo:

Compreenda bem isto: Heidegger era para mim um amigo. Ele tinha errado, tinha sido nazista durante dez meses, não mais. Ele queria redimir-se. Na França, Beaufret e eu o ajudamos, por razões justas. Não se pode traçar linhas entre os Resistentes e os outros: alguns resistentes cometeram o crime água acima⁴. (CHAR apud VEYNE, 1990. p. 309)

Somente mais tarde, quando o velho poeta já se encontrava à beira da morte, estouraram os debates e acusações sobre a participação de Heidegger no nazismo que, com certeza, não se limitou a dez meses de inocente cegueira, mas cujas conseqüências foram maiores do que Beaufret afirmou e do que Char insistiu a vida toda em acreditar. Veyne conta que os escândalos envolvendo Heidegger e Beaufret, quando vieram à tona em 1985, entristeceram-no por algum tempo. “*Vocês vão ver que isto vai se amplificar, teria dito Char a seus amigos. Todos aqueles que beberam a*

⁴ Aqui, Veyne explica o termo “o crime água acima” como aquilo “que funda a sociedade pela morte do indivíduo diferente” (VEYNE, 1990. p. 309).

plenas mãos na obra de Heidegger vão agora cuspir-lhe na cara, como a criança de Montaigne que bate sua ama” (GREILSAMER, 2004. p. 455)

Os últimos anos de René Char foram dedicados a encontros de trabalho. Ele não parava; não se livrara das angústias do amor à poesia. Passava com frequência longas noites de insônia, em pé, diante de sua janela aberta, à espera de algum sinal. Greilsamer (op. cit. p. 440) conta que uma noite de 1985, Char recebeu um mau presságio. Em seu sonho uma truta morre diante dele, ele se levanta, extremamente angustiado, atravessa o quarto e vê surgir debaixo de seus pés uma borboleta negra. Char hesita: não teria chegado a hora de matar-se? Alguns segundos de reflexão e o poeta cede mais uma vez ao poder da palavra, dirige-se a seu escritório e escreve *Étions-nous si fragiles?*:

Por que não poderias prometer ir embora, ô bela Vida!
Este é o momento, é necessário agüentar.
Deves mudar ou apagar-te se tudo foi primeiro fogo;
Debaixo dos meus olhos a truta morre reta e encurvada;
Minha preocupação, esse presente mal dissimulado, pode afinal
correr fora de mim.
Adivinho-o respirando pela primeira vez.
A esbelta borboleta negra se eleva diante de minhas pernas batendo
asas;
Em minhas lonjuras onde não vagam nem sol nem noite,
Ouço mil ares de canções roendo as garras do sono...”
(CHAR, 1995. p. 823)

Pela manhã, ele copia o poema, indica no canto da folha “Noite de 25 de novembro de 1984” e o põe em um envelope para Marie-Claude.

Poucos dias depois, Paul Veyne chega à casa de Char, dando a entender que o livro que estão preparando juntos sobre sua obra talvez não saia nunca. René o olha longamente de cima, e durante mais de uma hora monologa diante do brilhante historiador, ora com ironia, ora com entusiasmo, ora com raiva, mas sempre com os brios de uma eloquência irretocável. Veyne, também renomado orador, permanece mudo. Char quer o livro e o terá. Por fim, ele olha para Veyne nos olhos e declara com despeito: “... eu o matarei!”. A preparação do livro continua e se prolonga por mais quatro anos de vida do poeta e dois anos póstumos.

Em fim de janeiro de 1988, ele sofre um primeiro violento ataque cardíaco. É hospitalizado em Marselha, e logo transferido para Paris onde Marie-Claude pensa que será melhor tratado. No dia 19 de fevereiro, mais uma crise cardíaca e a morte o leva, delirante. Diante da propriedade provençal dos *Busclats*, o caixão recoberto com a bandeira da Resistência é carregado por seis ex-resistentes seus amigos. Alguns amigos e escritores estão presentes. Marie-Claude lhes pediu para ler versos de seu marido. Os últimos versos de *Cresus*, de 1932, ressoam:

Morte minúscula do verão
Desatrela-me morte iluminadora
Agora, já sei viver.
(CHAR, 1995, 43)

Conclusão

Mais que um diálogo direto entre a filosofia necessária a um poeta e a fonte poética de um filósofo, o encontro entre Char e Heidegger se deve à convergência de leituras e influências, a algumas idéias comuns (a crítica da vontade de conhecimento, crítica da planificação universal, condenação da civilização tecnicista) e, sobretudo, ao mesmo amor – embora por razões e com objetivos diferentes – pelo espírito grego pré-socrático. Talvez se deva também ao reconhecimento mútuo de duas forças grandiosas e conscientes de sua grandeza, conscientes também de que somente dali a centenas de anos seriam compreendidas.

Referências bibliográficas

- [1] CHAR, René. *Œuvres Complètes*. Coll. La Pléiade. Paris: Gallimard, 1995.
- [2] GREILSAMER, Laurent. *L'éclair au front: la vie de René Char*. Paris: Fayard, 2004.
- [3] HEIDEGGER, Martin. *Caminhos de floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998 (ed. or. 1959a).
- [4] _____. *Caminhos de campo*. São Paulo: Duas cidades, 1972 (ed. or. 1949).
- [5] _____. *Vier seminare*, Frankfurt, 1977.
- [6] _____. *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000 (ed. or. 1959b).
- [7] _____. *Correspondance avec Elisabeth Blochmann*, Paris: Gallimard, 1966. (Tradução publicada na *Imago Agenda* número 24.)
- [8] VEYNE, Paul. *René Char en ses poèmes*. Paris: Gallimard, 1990.

Autores

¹ **Florence DRAVET, Profa. Dra.**

Universidade Católica de Brasília (UCB)

Curso de Comunicação Social

florence_dravet@hotmail.com

² **Gustavo de CASTRO, Prof. Dr.**

Universidade de Brasília (UnB)

Faculdade de Comunicação

gcastro@unb.br